LISBOA — SEXTA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 128 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas

RUA DO MUNDO, 116, 1.

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O AUTOMOVEL é o principal agente do turismo. Não exerce menor influencia no seu desenvolvimento, indispensavel num paiz que tantas belezas naturais possue, o estado das estradas.

França e Belgica, as duas nações que mais rudes provas suportaram durante a guerra, trataram de reparar e até de melhorar as suas vias de comunicação, uma vez vencido o inimigo. Em Portugal, quem devia preocupar-se com tão interessantes assuntos, impulsionando-os como merecem, prefere gastar anos no dize tu direi eu da baixa politica, sem querer apreciar as enormes vantagens economicas que á vida de todos nós traria a expansão do turismo.

Faltam-nos carreiras de automoveis em muitos dos principais pontos que aos estrangeiros apraz visitar. Rareiam os hoteis confortaveis. Pelo que diz respeito a estradas, só conseguimos possui-las em grande numero nas vesperas de eleições e em forma de projectos.

Não abundam, por infelicidade nossa, iniciativas como essa que fez do Estoril uma soberba estancia já hoje disputada por turistas de todas as nacionalidades.

E, no entanto, hoje mais do que nunca precisamos de convencer-nos de que teriamos tudo a lucrar, se valorizassemos os tesouros com que a natureza prodigamente nos dotou. Conseguiriamos assim a mais eficaz e grandiosa propaganda de nós proprios.

* * *

FOI ontem muito notado no Parlamento pelos praxistas o facto do sr. ministro do Trabalho ter usado da palavra para responder a um deputado, antes das declarações do chefe do governo.

* * *

SUPOMOS que continua a crise vinicola do Douro. Entretanto, não seria para estranhar que ela houvesse terminado silenciosamente, visto que em Lisboa continua a crise das uvas. As que aparecem nos mercados são na generalidade más e carissimas.

O sr. ministro do Comércio falou em várias concessões a conseguir para os viticultores, uma das quais era uma redução de tarifas ferro-viarias no transporte de uvas.

O vinho seria vendido em bagos em vez de o ser em vagas — de exportação.

Poderá dizer-nos o sr. dr. Fernandes Costa se o caso já foi ou está para ser resolvido?

* * *

EM Nova York, quinta avenida, a piedade elegante de alguns fieis ultra-modernos erigiu uma igreja a S. Tomaz.

Os muitos baixos relevos que a ornam povoam-se de cabeças de mulher com monoculo, viuvas ricas com um grande ar e velhas ostentando joias e ridiculos. O proprio arquitecto deixou o seu perfil esculpido numa coluna.

No dia da consagração, produziu-se um rumoroso escandalo, pois que os verdadeiros crentes fugiram, tapando o rosto. Houve ainda quem quizesse contê-los, dizendo-lhes que decorativamente a religião varía com as epocas. Tal tentativa provocou a seguinte resposta:

—E' possivel que varie, mas não tanto que o desvergonhamento seja uma virtude cristã.

O CREDITO DO ESTADO

Paiz sem credito é um paiz perdido— pelo menos exposto a todas ás tempestades que assinalam este periodo de transição em que vivemos, como um camelo num deserto intermino, sem oasis. O credito conserva-se preciosamente ou conquista-se pelo trabalho honrado, pelo escrupulo no cumprimento das obrigações.

Portugal não se póde dizer, sob este ponto de vista, que esteja absolutamente desprotegido. Desde que os seus governos se imponham ao paiz como uma garantia de ordem e progresso, interrompendo-se o ciclo das desordens e motins, o nosso nome inspirará confiança. O credito do Estado supõe um regime bancario perfeitamente organizado.

São causa e efeito um do outro—embora isto pareça um disparate. Alfredo Lagunilla não receia escrever:

—«O bolchevismo, unicamente se desenvolveu nos paizes onde o credito e os bancos não existiam ou existiam em esboço».

A finança, não é necessario repeti-lo, foi um dos factores primarios da vitoria dos aliados.

O dinheiro teve o seu patriotismo, posto que tambem servisse para incitar as cubiças vis de muitas criaturas sem entranhas.

Agora que nos encontramos em paz tormentosa, ainda não cessou a sua missão social, pois os povos não se podem restaurar sem o seu concurso indispensavel. Veja-se o exemplo tremendo da Russia que desabou precisamente, porque o imperio, quando a crise economico-financeira estalou, não encontrou instituições creditorias solidas em que apoiar-se. Nos «soviets» prolonga-se o mesmo mal irremediavel.

Quer Portugal abrir uma estrada para o futuro?

Defenda a sua honradez comercial, como um negociante ou industrial que não quer confundir-se com os pouco escrupulosos ou deshonestos. E' tambem da maior conveniencia não alarmar as turbas, dando-lhe a perceber que nas casas bancarias há Harpias que lhe sugam o sangue. Lá sómente se fazem negocios e quando, uma vez ou outra, se pratiquem coisas ilegais que intervenha o Codigo Penal.

Os nossos governos, muito menos do que ninguem, podem queixar-se da finança. Eles teem sido os maiores perturbadores do nosso cambio. Não só não comprimem as despesas como ainda as exageram. Não conseguiram moralizar nem normalizar o orçamento. Sugeitam-se a perder anualmente oitenta mil contos na compra de cereais. Olham para o pavoroso estado da fazenda publica como boi para palacio. Andam sempre a comprar cambiais e a fingir que não. Em vez de travarem as importações, permitindo só as inevitaveis, deixam correr tudo á matroca.

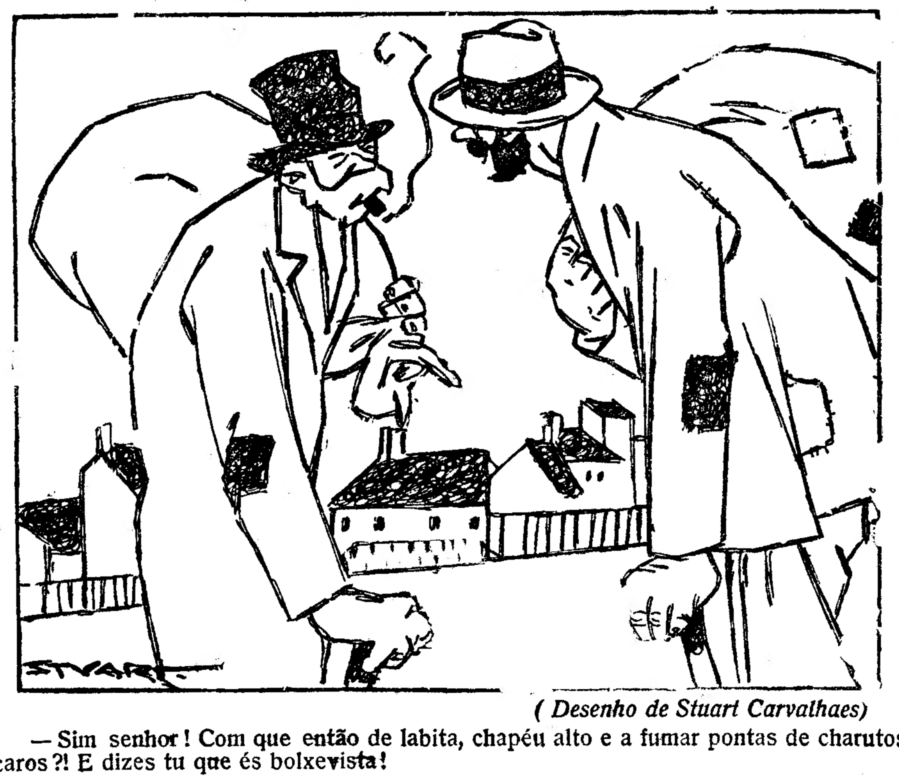
Como ousarão pedir sacrificios ao paiz, se eles proprios não dão o exemplo da economia e da redução dos gastos?

Acabe-se com a pratica dos pequenos emprestimos, disfarçados em contas correntes e divida flutuante, e empreenda-se, mas a serio, uma larga operação de credito que nos liberte de miserias diarias, habilitando-nos para uma vida desafogada.

Não haverá, na praça, entidades bancarias, respeitadas dentro e fóra das nossas fronteiras, com quem os nossos governos se entendam, de maneira a conseguirem um emprestimo que seja feito a Portugal e não a qualquer aventuroso português ou estrangeiro?

Nem ao menos poderão delegar em criatura de competencia e consciencia o encargo de lá fóra, junto dos potentados financeiros, negociarem uma farta aquisição de numerario?

TRANSFUGA...



(Desenho de Stuart Carvalhaes)

— Sim senhor! Com que então de labita, chapéu alto e a fumar pontas de charutos caros?! E dizes tu que és bolxevista!

CORREM, de vez em quando, certos boatos sobre possiveis alterações da ordem em Moçambique. Talvez não tenham fundamento.

E' conveniente, porem, que o sr. ministro das colonias se certifique. O que nos têm contado indica que em Moçambique existe uma corrente que não é favoravel á plenitude da nossa soberania.

Está o sr. ministro das colonias em condições de desfazer estes boatos que se apresentam como informações verdadeiras e que renascem como uma teimosia desesperada?

* * *

DURANTE o seu discurso de ontem que, apesar de longo, foi ouvido com atenção pela Camara dos Deputados e mereceu uma réplica cheia de vivacidade e de brilho do sr. Cunha Leal, o sr. Antonio Luiz Gomes afirmou intencionalmente:

— Podem vir os regimes que vierem. Eu serei coerente. Nasci republicano e quero morrer republicano!

Esta alusão directa ao comodismo das adesões não produziu alteração visivel nas fisionomias dos parlamentares neo-republicanos. A Camara continuou a ouvir atentamente as palavras do sr. Antonio Luiz Gomes, aglomerada em volta do seu «fauteuil». Apenas o sr. Marquês Loureiro, por interessante acaso, se deixou vencer nesse momento por uma sonolencia reparadora em que alguns deputados se não esqueceram de reparar.

* * *

CORRE que o deputado sr. Moura Pinto escreveu uma carta ao sr. Barros Queiroz, membro do Directorio do Partido Liberal, comunicando-lhe que se desliga do partido.

* * *

O PARLAMENTO votou ontem o projecto de lei concedendo uma pensão á viuva do tenente Raul Cascais, que gloriosamente morreu pela Patria. Foi o «Diario de Lisboa» um dos jornais que lembrou aos poderes publicos a obrigação de arrancar á miseria a familia de um heroi.

Fez-se justiça. Não nos furtamos á satisfação de registá-lo, acentuando que, para a aprovação do projecto, muito contribuiram a tenacidade e os sentimentos de camaradagem do bravo oficial de marinha e deputado sr. Agatão Lança.

* * *

ONTEM, ao principio da noite — é, em geral, de noite que se nota mais a falta de luz — Lisboa esteve privada durante quatro horas de energia electrica, simplesmente porque a maré do equinócio se lembrou de cortar relações com as bombas de circulação dos condensadores. Não será a Companhia que está «com o equinócio» e pretende agora atirar as culpas para cima da maré — que tem os ombros largos?

* * *

DE SETUBAL vêem, segunda-feira, a Lisboa representantes da camara municipal, associações das classes comercial e industrial e comissões politicas do P. R. P., a fim de conferenciarem com os parlamentares e membros dos directorios dos partidos liberal e democratico sobre o pedido da população da vila de Palmela, que deseja a restauração do seu concelho.

Notas Mundanas

Recitas elegantes

Estão despertando grande interesse no nosso meio mundano as recitas elegantes que no proximo inverno se realizarão no encantador teatrinho "Chiado Terrasse" onde funcionará a magnifica companhia dirigida pela brilhante artista Luz Veloso, as quais se efectuarão ás terças feiras, representando-se a peça que estiver em scena e compondo o restante espectaculo uma peça em um acto original de uma senhora da nossa primeira sociedade, ou uma conferencia humoristica por um dos nossos mais distinctos homens de letras.

A inauguração destas recitas realiza-se no proximo mês de Novembro depois da retirada das praias da nossa aristocracia.

Além destas recitas, a companhia dramatica Luz Veloso abre no dia 5 a assinatura para sete recitas com peças diferentes. Este teatro, depois das modificações porque está passando, será decerto um dos pontos de «rendez-vous» preferidos pela nossa primeira sociedade.

Em Cascais

A direcção do «Sporting Club acaba de fechar contrato com o sexteto Gounod, o afamado sexteto de bandolins, do «Jansen», que se fará ouvir todos os sabados e domingos de tarde e á noite.

Continuam trenando-se com grande entusiasmo para o proximo Campeonato Internacional de Tennis os nossos melhores jogadores.

Baptisados

Como noticiámos, realizou-se ontem na capela da esplendida quinta de S. José, em S. Pedro de Sintra, residencia da sr.ª D. Aurora de Macedo, o baptisado do seu netinho, primeiro filho dos srs. duques de Miranda.

Serviram de madrinha a avó materna sr.ª D. Aurora de Macedo e de padrinho o sr. D. Caetano de Bragança (Lafões), recebendo a gentil criança o nome de D. Lopo Caetano.

Finda a cerimonia religiosa foi servido na elegante sala de jantar um finissimo almoço, fornecido pela acreditada «Pâtisserie Garrett». Durante o almoço fez-se ouvir um eximio trio formado por elementos do magnifioo quinteto «Iberia da Garrett».

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.^{as}:

Viscondessa de Sá da Bandeira, Genoveva de Lima Maier Ulrich, Albertina Augusta Viana de Lemos Peixoto, D. Maria Tereza Canavarro de Almeida e Brito, D. Maria de Magdalena de Figueiredo Cabral, D. Helena de Castro Monteiro e D. Izabel Lobo Leite.

E os srs.:

D. Jorge Machado de Castelo Branco (Figueira), D. Francisco de Sousa (Rio Pardo), Alvaro de Carvalho Daun e Lorena, Felisberto de Moura Monteiro, Frederico Guilherme de Lancastre d'Orey, João de Meireles e Vasconcelos e Manuel Goulart de Medeiros.

Em viagem

Do Solar da Castanheira, em Barcelos, regressou ontem com sua esposa a sr.ª D. Antonia de Menezes Cardoso e Silva de Noronha Porto e sua gentil cunhada a sr.ª D. Maria Sofia de Menezes Cardoso e Silva (Godim), o sr. Luiz Simão de Noronha Vasconcelos Porto.

— Partiu hoje para a praia da Granja a sr.ª condessa de Santar.

— Para Cintra, onde vai ser hospeda do sr. Policarpo Otero Salgado, parte brevemente a sr.ª D. Maria Carolina Felix Pereira Gagliardi.

— Em Lisboa, encontra-se de novo, vindo da praia da Granja, onde regressa por estes dias o sr. marquez de Ponte de Lima.

— Partiu para a Figueira da Foz o sr. dr. Rui de Almeida d'Eça.

— Com sua gentil filha D. Palmira partiu para S. Martinho do Porto a sr.ª D. Palmira de Navarro Viana Bastos.

—Esteve em Lisboa, vindo da Figueira da Foz ode já regressou, o sr. dr. Angelo da Fonseca.

—O sr. dr. Jeronimo do Couto Rosado partiu para a Figueira da Foz.

—Encontra-se em S. Martinho do Porto, junto de seus pais e irmãos, a sr.ª D. Antonia Tudichum.

—Para a Granja seguiu ontem o sr. visconde do Torrão.

—Encontram-se em Carnaxide, hospedes do sr. visconde de Carnaxide e de sua nora a sr.ª D. Conceição de Carvalho, as sr.^{as} D. Sarah e D. Ida de Mendonça Alves.

—Partiu novamente para as suas propriedades de Escalos de Cima, na Beira Baixa, o sr. D. José da Cunha Correia de Sampaio (Castelo Novo).

—Com sua esposa a sr.ª D. Ondine Berneaud Borges Lobo de Avila Lima regressou de Cascais e partiu para o Gerez, o sr. Manuel Lobo de Avila Lima.

—Partiram hoje de manhã para o norte, no rapido, os srs. Manuel de Melo Vaz de Sampaio e seu primo Luiz de Menezes de Melo Vaz de Sampaio.

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS
ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

A 4.ª INTERNACIONAL

OS COMUNISTAS ALEMÃES DESCONTENTES COM A ORIENTAÇÃO PACIFICA DA 3.ª INTERNACIONAL FORMAM UM NOVO AGRUPAMENTO

O grande prejuizo que sofrem os proletarios pela falta de uma critica imparcial aos actos de Moscou

Sobre o movimento socialista internacional e a revolução russa, publicou um interessante artigo, o jornalista Alvares del Vargas, analisando os factos a bastante distancia, para não cair nos erros dos extremistas, avançados ou conservadores.

A quarta Internacional que os proletarios alemães fundaram não há muito, dá-lhe ocasião de fazer notar o facciosismo dos extremistas conservadores e socialistas que é a causa principal da desorganisação das classes proletarias. A revolução russa nunca foi analisada imparcialmente; uns procuraram demonstrar que a revolução russa tem sido um amontoado de erros e crimes, origem das maiores calamidades; outros, cegos pela sua devoção a Moscou, chamavam traidores aos que lhes analisavam os erros para os criticarem e atenuarem as suas consequencias. Se algum se atrevia a censurar Moscou logo os conservadores aproveitavam os dados positivos que assim obtinham para activarem a sua propaganda de descredito; esta consequencia, de envolta com a oposição dos proprios correligionarios, fazia calar os que se não deixavam iludir pelas censuras dêsses e pelas admirações incondicionais de outros.

Da falta de conhecimento preciso ácerca da verdadeira situação e consequencias do governo dos «soviets», proveiu a desagregação das fôrças proletarias da Europa; quando alguns compreenderam que a revolução imediata e radical, que os meios violentos, não dariam um resultado tão completo e custariam muitos mais esforços do que uma revolução de resistencia, de oposição e de educação que se faria gradualmente durante o tempo que a revolução levasse a realizar-se, dando portanto aos proletarios meios de tomarem alguma consciencia das suas responsabilidades, os fervorosos admiradores de Moscou indignaram-se, chamaram-lhes contra-revolucionarios renegados e da scisão entre moderados e radicais provieram várias Internacionais.

No congresso da Terceira Internacional a maioria manifestou-se contra as tentativas revolucionarias precipitadas; esta opinião era uma censura indirecta para o partido comunista alemão, que havia organizado o movimento revolucionario de março. O partido comunista alemão não se submeteu, e o seu primeiro acto de revolta foi organizar uma Quarta Internacional.

Assim assistimos a scisões continuas pelo mesmo motivo: formou-se a Terceira Internacional num acto de revolta contra a orientação pacifica da Segunda Internacional; os dissidentes chamaram traidores e «contra-revolucionarios renegados» aos que ficavam; por sua vez, são agora apelidados da mesma forma pelos que vão formar a Quarta Internacional e a sua orientação já não difere profundamente dos da Segunda Internacional; o ponto de vista é sensivelmente o mesmo: não fomentarem revoluções precipitadas.

Comquanto estas scisões não possam aniquilar o avanço da idéa socialista, algum dia o proletariado reconhecerá quanto o prejudicou e lhe retardou o fim que se propunha, não ter analizado fria e claramente a situação, em logar de se entregar á adoração incondicional do que lhe vinha da Russia, o êrro que mais convêm aos que dizem que tudo que da revolução russa veiu são desgraças e calamidades que é preciso fazer desaparecer.

TEATRO APOLO
Sabado, 3 de Setembro de 1921
A's 21,30
Inauguração da temporada 1921-1922
O BURRO EM PÉ
Revista de Marçal Vaz e Xavier de Magalhães, musica de Luz Junior e Vasco Macedo
Grande exito da temporada passada
Nova distribuição. Nova enscenação
Novas scenas e novos numeros de musica

CARVÃO
CARDIFF das minas do almirantado
"Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")
A' DESCARGA
Portuguese Corporation of Commerce Ltd.
Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092, 5093, 5094
Londres—56, Ludgate Hill

Banco Português do Brasil

De acordo com o estabelecido no art.º 4.º § 2.º dos nossos Estatutos, são convidados os srs. accionistas deste Banco, possuidores de acções com 10 % realizados, a entrar, dentro do praso de 15 dias a contar de 1 de Setembro proximo vindouro, com mais 10 % de capital.

Chama-se a atenção dos srs. accionistas para o determinado no art.º 10.º e seus paragrafos.

As cautelas representativas de acções deverão ser apresentadas aos nossos agentes no acto do pagamento, a fim de nos serem as mesmas remetidas para o respectivo averbamento.

Banco Português do Brasil
RIO DE JANEIRO
Agentes em Portugal:
Pinto & Sotto Mayor

OS TEATROS

A reaparição da revista "Burro em Pé" no Apolo

Reabre ámanhã o teatro Apolo. Emquanto não sobe á scena a revista do dramaturgo Eduardo Schwalbach, «Gato por lebre», em que o mestre nos demonstrará um novo aspecto do seu talento satirico e que será apresentada sob a direcção artistica de André Brun, a empresa repõe a revista «Burro em pé».

Com uma nova distribuição que reserva algumas surpresas, actualisada em certos pontos pelos autores, com uma nova enscenação de Rosa Mateus, a revista de Marçal Vaz e Xavier de Magalhães dará certamente tempo de se preparar o novo espectaculo, ao qual se estão dedicando desde já todos os cuidados que merece o grande nome que o assina.

Entre nós

O mavioso poeta Antonio Boto concluiu uma peça de teatro em 3 actos, e consta que vai reeditar o seu livro «Corações» com novos poemas e com observações valiosas de Teixeira de Paschoais.

—Parece ter-se suscitado um novo conflito entre as empresas arrendataria e proprietaria do Salão Foz, tendo a primeira reclamado junto do chefe do distrito para que lhe dê solução. Na companhia de revista e de opereta que deverá funcionar na epoca de inverno, estreia-se uma senhora da nossa sociedade elegante, que, dizem-nos, possui uma magnifica voz, e cuja figurinha gentil e graciosa causará no publico uma verdadeira sensação. Da companhia fazem parte os artistas Laura Costa, Julia da Assunção, Tina Coelho, Rosalina Saial, Guilhermina Anjos, Eugenia Quintão, Maria Salomé, Maria de Luna, Antonio Gomes, Otelo de Carvalho, Martins dos Santos, Carlos Machado (que reaparece), José David, Reginaldo Duarte, Garcia Ruas e Frederico de Mendonça. Do repertorio fazem parte, entre outra peças, «Buena dicha», de Ferreira e Torres, uma revista do triunvirato Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, uma revista de Lino Ferreira e Xavier de Magalhães, a qual tambem terá colaboração de um dos mais brilhantes revisteiros.

—Vai fundar-se em Lisbaa uma Academia de Baile e Poses Plasticas, para a qual será contratado em Paris um dos melhores professores de dança.

—O actor Eduardo Brazão está já estudando o papel de Viriato da peça historica «Lusitania», com que se estreará no teatro Nacional o capitão sr. Humberto Luna.

—A actriz Maria Sampaio deve fazer parte do elenco do teatro Nacional, na epoca de inverno.

—Alves da Cunha representará na proxima temporada a peça de Nicodemi, «I Psicani», traduzida por Mario Duarte e Alberto de Morais com o titulo «Os tubarões».

Reclames

S. LUÍS—Reaparece hoje o distinto actor Henrique Alves no papel de "Paleta alegre", por ele tão notavelmente creado quando na primitiva se representou a celebre revista "De capote e lenço".

POLITEAMA—E' escusado preguntar o que se representa actualmente no Politeama. O cartaz mantem-se o mesmo: "O amor perfeito", opereta em 3 actos, encantadora pelo seu entrecho, soberba pelos numeros de musica que a exornam.

EDEN—A falta de luz, manifestada ontem á noite fez com que alguns milhares de pessoas, desalentadas, decidissem voltar hoje ao Eden-Teatro, anciosas por ver a brilhantissima revista "Tic-Tac".

GINASIO—A recita desta noite é consagrada a Pedro Bandeira, Guedes Vaz e Carlos Ferreira, que, com o seu espirito esfusiante e imaginação, conseguiram adaptar á scena portuguesa a famosa peça "O celebre Pina", recheando de graça ainda superior á que o original contem.

AVENIDA—E' amanhã que neste teatro, na impossibilidade de o fazer no Salão Foz, que se estreia a graciosa companhia infantil dirigida pela actriz Cremilda Torres. Sobe á scena, em primeira representação, a revista "O sonho do Manecas".

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—Não ha espectaculo.
AVENIDA—Não ha espectaculo.
POLITEAMA—A's 21,30—«Amor perfeito».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
SALÃO FOZ—Fechado.
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

"O Tempo"

Comunicam-nos deste jornal o seguinte:

A exemplo do que fez a *Monarquia*, que suspendeu durante uns dias para remodelar os seus serviços, *O Tempo* suspende por um periodo não superior a 8 dias, reaparecendo completamente remodelado e publicando-se com 4 paginas.

Algarvia, L.da
Importadores e Exportadores
OLHÃO

A PRAIA DOS FANTASMAS

Ainda humida do ultimo beijo do mar, esvai-se a meus pés a areia calcinada e macia.

Na tepidez do azul coalhado, êste lendario luar é um vitral aberto na minha alma onde esvoaçam saudades.

Arrasta-me na sua fantasia o vento carinhoso e brando. Bate-me o coração num «corp à corp» de curiosidade e terror. Hiperstesiado de sentidos, alucinado, hesitânte, entro no alheamento de um vago sortilegio.

* * *

No anfiteatro escarpado da praia dos fantasmas, anda o luar, misteriosamente evocador, subtilizando a alma das pedras num encantamento transcendental.

São evocações de naufragios, tragedias maritimas em manchas nebulosas, caravelas de aventura com figuras de lenda e sonhos de navegadores...

Segredos petrificados de herois e santos, expressões de ansiedade e de martirio, batalhas sangrentas, cavalgadas de loucura, misticismos...

Rictus confusos de sofrimento, mascaras de dôr, gritos de angustia, que a estranha voz do silencio vai revelando numa visão convulsionada e grandiosa...

E', por fim, a tragedia do amor... Restos de corpos que se desejam, nevroses de ciume, ainda amorosas contemplações de ternura em duas rochas que se abraçam voluptuosamente...

* * *

Vai o luar surgindo, a natureza em extase, e a minha alma prossegue na recordação daquela graciosa morena de enigmatico perfil, que em noites luarentas se debruça na escarpa.

«Na sua esguia figura de vestal, há não sei que magoado geito de romantica, que me desperta e me domina».

Ao passar-lhe perto, um sorriso perturbante envolve-me em preamar de emoção.

Esboço um cumprimento e a seguir qualquer justificada desculpa.

....

Falei do már a espreguiçar-se sensual no «boudoir» da praia; do misterio das estrelas esquecidas; dos longes de nevoa, vagos como as saudades das saudades que se foram.

Falei do amor, do meu amor por ela, tão raro e tão espiritual...

Um longo silencio, solene, inquietante, parecia eternizar-se...

— Esta linda claridade de agosto, aventurei, é talvez para a sua ansia de amorosa uma sinfonia azul de moiras encantadas...

Compadecida, volveu sobre mim aquelés indecifraveis olhos de alga, com um carinho que parecia voluptuoso e aveludadamente murmurou:

—Realmente... está um luar e «pêras»!...

Algarve, Agosto de 1921.

PACO

LIVROS

"Sobre um decreto" por Da Cunha Dias

Toda a gente conhece pela publicidade incansavel que lhe tem sido dada a tragedia do dr. Da Cunha Dias, internado em tempos num manicomio, mercê dos alçapões dum decreto aterrador. «Sobre um decreto», livro já consagrado entre as pessôas que se prezam de saber ler, é escrito numa linguagem vibrante, colorida e nervosamente bela. Nele descreve o talentoso escritor as suas longas horas de martirio desde o momento em que o fizeram oficialmente doido até áquele em que arrojadamente conseguiu libertar-se das garras dos seus carrascos.

A presente edição do «Sob e um decreto», elegantissima, constitue mais uma produção brilhante da Empresa Editora Delta.

"Repregos", por Martins dos Santos

Martins dos Santos que, como actor-ensaiador, é um elemento muito apreciado pelos frequentadores dos nossos teatros, reuniu num volume elegante as impressões da sua passagem pelos palcos portugueses.

Sem pretenções a fazer estilo, Martins dos Santos dá-nos em prosa correntia, nem sempre impecavel, interessantes cronicas em que por vezes abundam as situações comicas e as descripções de factos desopilantes ocorridos na boemia complicada e por vezes cheia de amarguras da gente de teatro.

O livro merece leitura, porque possue, acima de tudo, a qualidade rara de não fatigar.

Martins dos Santos anuncia no seu inteligente trabalho uma segunda serie de memorias. Que ela se não faça esperar e que tenha o condão de despertar o interesse alcançado pela primeira.

SOMBRINHAS DE FANTASIA LEQUES
76
BENGALAS DE MALAGA VENTOINHAS
RUA NOVA DO ALMADA

EPISTOLARIO

Uma carta de Alexandre Herculano

O «Diario de Lisboa» inicia hoje a publicação duma série interessantissima de cartas inéditas, assinadas por homens ilustres — varões insignes de Portugal. A primeira é de Alexandre Herculano, dirigida ao seu intimo amigo Joaquim Filipe de Sousa, o maior subscritor do monumento-mausoleu, erecto no mosteiro de Belem. Nela se retrata, na perfeita verdade do seu ser, o grande historiador. Incompativel com o seu tempo, que lhe desfez o seu sonho patriotico, Alexandre Herculano viveu constante na sua simpatia para com o passado. Os seus contemporaneos não o interessavam, porque eram todos inferiores aos lusiadas de Ourique e Aljubarrota. Homem duma só peça, solene e hirto, tomando a meditação como atitude literaria e o isolamento como defesa pessoal, ignorava a pompa e a glória dos salões que fizeram a lenda de Garrett. O campo seduziu-o, porque é mudo e sem hipocrisia. Fez-se cultivador. Vinha de Val de Lobos á Academia. As viagens ao estrangeiro apavoravam-no. A carta que segue é um exemplo de tal antipatia. Corresponde a um momento de cansaço e deslusão. Herculano descrê já do seu esfôrço de escritor. Fala das letras como do azeite. Não se acha com coragem para compor o nó da gravata e visitar as academias estrangeiras de que era sócio.

Amigo.

Prometi irreflexivamente ir a sua casa pela manhã, sem me lembrar de que o banho não me deixa saír de casa pela manhã, ou ir hoje ficar a Lisboa. Previno-o por isso, para que não esteja á minha espera.

Esta noite não dormi quasi nada com uma terrivel dôr de dentes que trouxe ontem para casa, do meu passeio. Supônho-a reumatica, se não é de um dente cariado. Hoje está mais branda, mas ainda me apoquenta.

Com a vigilia tive tempo para pensar na viagem. Cada vez se me afigura mais impossivel, não só pelo lado moral, pela repugnancia invencivel ao ruido do mundo e por uma especie de mania pela solidão rural, mas tambem por considerações de ordem material. Além do trabalho da Academia que, sendo retribuido, tenho obrigação de fazer, preparo agora uma nova edição do 2.° volume da "Historia da Inquisição", que os Bertrands querem, porque está esgotado. Bem sabe que é uma das herdades do meu morgado, que não posso deixar em pousio.

Se em Val de Lobos eu tivesse a seguir só a cultura ordinaria, bem ia o negocio por essa parte: lá se debulhava o trigo, a cevada e o milho sem mim; mas tenho obras e obras feitas restritamente dentro dum orçamento modesto; feitas lentamente com um pedreiro ou com um carpinteiro, que não hei de despedir, porque posso não o encontrar quando o quizer, e que se o deixo entregue a si dois ou três meses me faz umas poucas de asneiras, que me sáem caras. Por outra parte tenho alinhavados uns prados e uns encanamentos de aguas, e é justamente nestes dois meses que obras dessas se podem concluir. Em consciencia, como homem de campo, diga-me se deixava por mão coisas dessas, para se ir divertir, é quem sabe se para se ir aborrecer? Acresce que sou só, e ao mesmo tempo modêlo de desmazelados. Tenho que arranjar a mala para uma viagem fóra, e inspeccionar camisas, ceroulas, etc., hoje tudo em poder do meu Manuel, que faço ideia deve ter tudo em admiravel ordem. Só o pensar nisso me aumenta a dôr de dentes. Depois não me iludo. Não está enfermo e decadente só o espirito; está valetudinario o corpo. A regularidade de habitos com que mantenho uma aparencia de vigor é acaso possivel na viagem que imagina? A ideia de me vir por lá uma das minhas habituais macacôas, e obrigado por isso a parar e até a retroceder, é uma coisa que me repugna.

Em suma, o canto obscuro da aldeia é hoje o meu unico destino racional, e felizmente a minha única ambição. As minhas três faias dão-me mais prazer ao vê-las que todos os museus, monumentos, praças, teatros, bibliotecas da Europa. Que ia eu lá vêr, se não achava lá as minhas três faias?

Estou assim; que lhe hei de eu fazer?

Se fossemos a Madrid e indo por Paris, parecia mal não me apresentar na Academia de Historia em Madrid, e no Instituto de França em Paris; depois eram as visitas dos consocios, e aos consocios; falar de letras, de livros, etc., das coisas que mais me secam. Era a gravata branca, as luvas, as etiquetas, a casaca, as frases estudadas, o que, há de confessar, equivale a um trato de polé, comparado com uma discussão em jaqueta e sem trapo ao pescoço, com Antunes, ácêrca de uns enxertos ou da largura de uma regadeira.

Sabe o que me pesa na consciencia? E' que vá sósinho por esse mundo de Cristo, porque apesar do seu vicio de locomoção tão entranhado como o vicio politico do Ferrer (1), há de ter dias de massada e aborrecimento sem ter com quem desabafe. Mas porque não há de substitúir-me, e convidar, por exemplo, o Antonio de Melo, que é um bom e honrado rapaz que nunca saíu daqui, e que provavelmente fica contentissimo com isso, porque ainda crê nos museus, nos teatros, nos monumentos e nos mais dixes das crianças barbadas? ou este ou outro, ainda que me parece que não tem muito por onde escolher. Rumine nesta ideia.—Quarta feira, 4 de julho.

Amigo—***Herculano.***

---

(1) O dr. Vicente Ferrer Neto Paiva, sabio lente de direito da Universidade de Coimbra, outro grande amigo de Herculano: em cuja casa da Lousã o historiador algumas vezes se hospedou.

Cronica do Porto

Duas palavras para o sr. Trindade Coelho

No meu coração, na minha sensibilidade, nada me comove mais nem mais me entristece tambem do que as criancinhas que passam, nas nevoeirentas manhãs de inverno, tiritando, escondendo nos bolsos as mãozitas roxas de frio, a caminho da escola...

Tudo o que se tem feito, tudo o que se faz pelo bem estar dos filhos do povo, eu sigo-o com o coração interessadamente, como quem vê nisso o bem de seus irmãos. E, apesar de serem poucos e crentes os meus anos, quando passo ás porta das casas em que se aprende a ler, se ouço a pequenada, na hora do recreio, chilrear alegremente, eu lembro com a saudade o tempo em que era pequenino tambem, eu lembro com tristeza um irmãozinho que Deus me levou e que não passou das primeiras letras, que andava na escola ainda. E' com seriedade, pois, que eu falo das escolas, com seriedade e devoção.

Pode e deve orgulhar-se o Porto de ter avançado muito, muito, nestes ultimos anos da Republica, em matéria de ensino primario, mas de ter avançado em todos os sentidos. As nossas escolas infantis são verdadeiros modelo — obra de beleza que não só o pensamento, mas tambem o coração de bons portugueses realizou. Predios lindos, cheios de luz e ar, onde as criancinhas podem brincar, darem do seu pão aos passarinhos e aspirarem o aroma das rosas. Salas brancas e limpas, onde os professores procuram tornar o estudo agradavel, ensinando os pequeninos não só a lerem, mas a cantarem lindos versos portugueses...

Lá se tem feito um pouco o culto dos nossos Santos — Camões, João de Deus, Camilo, mais e mais — e dos melhores dias da Patria. Em manhãs de sol, as criancinhas mesmo hasteiam a bandeira e cantam alegremente a «Portuguesa».

A palmatoria passou a ser uma palavra apenas, depois das punhaladas fortes que a nova orientação lhe vibrou. Há nessas lindas escolas muitos professores que, inteligentemente, têm sabido dar uma finalidade espiritualista á sua maneira de ensinar.

Pela primavera, quando os campos e os montes sorriem a sua alegria em flôres sem conta, são ainda as criancinhas que vão entoando canções:

...A Escola que é tambem
Uma outra boa mãe
Que todos temos...

Plantam nos jardins as arvores á sombra das quais, muitos anos depois, os seus filhos e os seus netos hão de brincar...

Agora que o calor é tão insuportavel como certos artigos de fundo sem senso, que a gente vê todos os dias — guizados de palavras portuguesas e francesas e ausencia de idéas, ou antes, de sentimentos — agora que as fontes vêem tão sequinhas, que nem para a sêde dos pobres trazem agua, á beira do mar, a Camara do Porto tem, entre canteiros cheios de flôres e arbustos, num recanto adoravel do Passeio Alegre, uma colonia infantil, onde as criancinhas fazem gimnastica, brincam e tomam banho...

* * *

E' assim que devia fazer-se em todo Portugal. Acordar o espirito nos pequeninos seres; deixá-los crescer á luz e ao ar, regados pela verdade, até que um dia floresçam, frutifiquem. Ensiná-los a amar as arvores e o mar, a Patria e os seus melhores filhos. Tratá-los amorosamente para que assim aprendam o Amor e não martelar-lho aos ouvidos em palavras velhas e carunchentas de cartilha, que êles mais tarde haviam de rezar de monóculo. .

Deixem livremente acordar o espirito nas criancinhas! Acordem-no apenas, não o prendam com verbalismos. E, se desta maneira o Mal fôr Senhor do mundo, será menor Mal, porque nasce da Liberdade! Pode ser que Deus assim o queira... Mas não quere, não quere! Jesus, para levar o seu verbo aos pequeninos da Judeia, afastou os discipulos importunos e acarinhou-os como Pai. Deus, quando deseja a alma das criancinhas, desce até elas e beija-as nos cabelos...

* * *

Senhor Trindade Coelho: estas palavras escrevi-as depois de ler, no «Janeiro», contra o meu costume, o seu artigo «A Escola Cristã».

Porto, 30 de Agosto de 1921.

Angelo Cesar.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Chá da Serra

São cinco horas da tarde. Acabo de tomar o meu «five-o'-clock-tea», o meu chá das cinco da Serra. Tomo-o com prazer, porque me lembra Lisboa e a civilização.

Dá-se comigo fenomeno contrário ao que assaltou a alma de Jacinto, na «Cidade e as Serras»: adoro a civilização — na serra, e adoro a Natureza — em Lisboa.

Tomo-o com prazer — e com saudade, não sei se saudades de Lisboa do chá, se saudades do chá de Lisboa. Na verdade, êste chá, quente, doirado, amarelo, não é, apesar disso, chá: — é uma evocação. E' uma chicara de saudades pingando sobre o «pires» raso da realidade.

Ao chá de Lisboa era preciso adicionar-lhe agua quente. A êste, há que emprestar-lhe sugestões. Este chá é uma ilusão com açucar.

Depois, se o chá fôra apenas um liquido! Mas não é. O chá de Lisboa é Lisboa, — Lisboa liquefeita, Lisboa com o dedo minimo preciosamente no ar, Lisboa «rendez-vous», passeando aos pares sobre a chavena, como mimosos lagos da Suiça. Pode-se mesmo ir mais longe; afirmar, em estilo de chefe de familia, que o chá de Lisboa — é um pantano.

Lembro-me dos ultimos olhos que eu vi no meu ultimo chá, uns olhos grandes, luminosos, doces; e, ou êsse ultimo chá, ou êsses ultimos olhos, envenenavam-me. Lembro-me dêles. Desejaria vê-los. São uns olhos como os outros, certamente. Mas êles tiveram, para mim, nesse ultimo chá, o encanto de serem os ultimos olhos...

O meu «five-o'-clock» daqui é bem diferente. Em vez de falsos tziganos vestidos duma debotada alegria vermelha, ouço o vento. Um vento tzigano autentico, boémio, ladrão e sonhador, vindo do Norte, vindo de leste. a cantar sobre as rochas a ária errante da fatalidade. Vem de toda a parte, não se sabe para onde vai, êste vento da Serra. Vocês sabem lá o que é o vento!...

O vento da planicie, o vento de Lisboa está para êste, aqui, como o vosso chá, acre, para a minha agua quente doirada. O vosso vento é uma caricia, é uma ficção, — é mesmo uma figura de retorica. «Palavras leva-as o vento» — diz-se por lá. Mas vocês sabem lá o que é, na verdade, o vento levar-nos as palavras! Falar — e senti-las — levadas no turbilhão, para traz de nós, como papeis! Vocês falam todos em segrêdo. Aqui não há segredos. O vento é largo e as palavras claras.

Lembro-me que, ao chá, se viam, nos intervalos dos «stores» da «Garrett», os galhos das arvores do largo das Duas Igrejas, um poste e um «troley».

Aqui, vejo um hemiciclo de montes, de ansias petrificadas por um cataclismo. Há-os em ondas, boleados, dum verde-mar, como que erguidos ao ceu num instante que dura a eternidade. São êstes, aqui, á mão esquerda. Há-os escalvados, com manchas de verde, irregulares, que sobem por êles acima, que os corroem, como lepra. Há-os, que parecem feitos de remendos, que parecem grandes mantas de farrapos sobre dorsos adormecidos.

E' uma familia de montes, esta serra. São todos iguais e todos diferentes, como filhos. Mas, audaciosos, uns sobem, sobem..., outros, humildes, que se curvam... Há os que se afastaram e lá vão por essas Espanhas, longe dos seus; os que se acocoram, em roda, como á lareira; os que se afidalgam e atafulam e tomam ares da cidade, com «chalets», estradas e tufos de verdura.

Mas os montes — como tudo neste mundo — não valem nada pelo que são. Valem pelo que parecem. Estes montes transfiguram-se, a cada instante, sob o sol e sob as nuvens. O sol é que embeleza os montes, como o amor embonitece as mulheres. E a sombra ainda mais. Sob a chapa negra de uma nuvem, aquele monte banal e duro recorta-se todo em maciezas de veludo — é recortado em veludo escuro. E nos montes de lá do fundo, lá ao longe, compõem-se e decompõem-se, ardem e ressuscitam cidades fantasmagoricas...

Pelo alto, passou uma águia, mais alto, muito mais alto do que a minha imaginação supunha. Mais baixo, as «gralhas» passam, assobiando. E' a primeira vez que as vejo — no ar. Conheci-as só da minha prisão.

Meu Deus: agora reparo que me dilatei sobre a natureza; fiz regionalismo — e temos o chá entornado...

Serra da Estrela, 26.

Afonso de Bragança

NA NOSSA INDIA

Como se matam tigres

O sr. José Joaquim Lopes Arez, secretario do concelho militar de Sanguem (India), descreve-nos como matou a sua nona fera

Um pouco de aventura no país maravilhoso, do misterio, do sonho e da lenda

A India é a arcada misteriosa do oriente. Paiz das bayadeiras, dos rajás e dos brahamanes; paiz de florestas verde-esmeralda, de religiões sumptuosas com ritos estranhos; paiz onde a côr é todo um deslumbramento e onde os palacios são de jade e oiro e os olhos das mulheres têm fosforescencias inquietantes de onix.

Nessa India distante, envolta em sonho e em misterio, Portugal tem ainda três pedaços de terra. São os restos do seu antigo imperio.

De um dêles — Gôa — regressou há pouco a Lisboa o sr. José Joaquim Lopes Arez, secretario do extinto conselho militar de Sanguem.

Quem é? E' um caçador de tigres, de panteras e de javalis.

— Uma caçada?...

— Mas, porque não?

— Quantas feras matou?

— Matei doze tigres.

— Lutou? Serviu-se do punhal? Sentiu o grande instante, o instante unico em que a morte perpassa inviolavel?

— Um pouco, respondeu modestamente.

— Mas conte, conte.

— Matei a minha nona fera nas florestas de Sanguem, territorio português. Era uma floresta inextrincavel, ardua de bater, quase um labirinto. Durante o dia os indigenas tinham-na percorrido em todas as direcções. Lá, ao longe, sentia-se o escabujar dos tigres. Eu, e mais três caçadores, dois austriacos e um alemão, atalaiavamos ás portas.

— O que é isso?

— São as veredas, os trilhos por onde as feras costumam passar. Dedo no gatilho da espingarda, atento, vigilante, vi cair a noite. Oh! a noite dos tropicos! Ardente, fulgente de estrelas — mar imenso onde boiam grandes nenufares luminosos. Acenderam-se as fogueiras. A floresta estremecia cheia de brilhos, de pequeninas chamas de fogos fatuos. O silencio caiu, alastrou, hipnotizou-me os nervos. Deixei de pensar. A minha pupila exausta, procurava um ponto, esperava ver a cada instánte o estremecer do capim. Inquietei-me. Os batedores, que vinham acossando os tigres para as portas de caça, não davam sinal de si. Passaram duas horas, talvez três. Perdi a noção do tempo. No ceu, as estrelas eram como grandes corolas flamejantes derivando ao longo de um rio violeta e oiro. Nisto, a terra estremeceu. Senti uivos dolorosos, um escabujar feroz, mais uivos, depois o silencio. O mato agitou-se. Em correria desordenada, um javali solitario passou. A' luz da fogueira, divisei-lhe no lombo listras sangrentas. Um tigre rasgara-lhe o lombo de alto a baixo. Visei-o com o cano da espingarda. Um tiro e o javali caiu quase a meus pés...

— E depois?

— Fuma? Aqui tem um cigarro indiano.

— E depois? repetimos ansiosos.

— Esperei o tigre. Consultei o relogio: 10 horas da noite. Tornei a carregar a minha «Riffle» estriada e disfarce-me por detraz duma arvore. Quanto tempo assim estive? Não seid O capim mexeu-se e, muito suavemente, apareceu um tigre real, três metros de comprimento, pele fulva, raiada de negro; olhos como duas chamas de verde envenenado fulgiram violentamente na sombra. A fe a percebeu que estava em frente do homem, do inimigo. Era o combate. Deixei-a aproximar. Precisava poupar lhe a pele. Quatrocentas rupias de ganho. O tigre avançava, majestoso, imponente, já na sombra da fogueira, coloriu-se de uma luz diabolica, selvatiça...

— E teve medo?

— Não; nunca se tem medo! Ajustei a espingarda e, quando o tigre, a dois metros de mim, formou o salto para me derrubar, disparei. A fera estremeceu, escabujou; ouvi uma trovoada de uivos. Era um ruido fantastico, feroz, duma resonancia de caverna. Os caçadores acudiram. Intimidados, subiram para cima das arvores...

— E o senhor?

— Torneei o capim e disparei mais dois tiros. O tigre agonizava, mas lutando, revolvendo-se sempre. Uma grande arvore vergou, quebrou, caiu. Numa convulsão final, êle despedaçara-a com as garras. Emfim, era a minha nona fera. Um autentico, um verdadeiro tigre real

Excitado, um pouco febril, o jornalista pediu ao intrepido caçador, sr. José Joaquim Lopes Arez, uma aventura mais. Na sua frente desdobrava-se agora toda aquela literatura fantastica das selvas e das pampas, que toda a gente leu quando se é generoso, se tem quinze anos e se é romantico.

— Um tigre que era perseguido por uma povoação inteira — porque êles chegam a ir ao povoado — tinha morto uma vaca num estabulo. Bebera-lhe o sangue na primeira noite; voltaria, pois, para a devorar. Esperei-o.

— Era de noite?

— Era. Fazia um pouco de luar. Dentro do estabulo, de arma engatilhada, sem um unico movimento, aguardei a fera até á meia noite. Passos leves; uma sombra que se agacha e espreita a povoação. O tigre!... Entrou, roçou pelas minhas pernas, procurou a vaca. Os olhos luziam-lhe como duas esmeraldas ardentes. Um tiro soou. A bala entrara por um dos olhos. Era a minha decima segunda fera. Levantei-me; dois grandes sulcos na terra humida provaram-me que êle intentara saltar sobre mim. Foi a caçada mais perigosa que tive.

— Porquê?

— Dentro dessa cabana só havia uma abertura, aquela por onde o tigre entrara. Imagine o que seria, se eu o não tivesse logo morto ao primeiro tiro!?

E o sr. José Joaquim Lopes Arez modestamente mostrou-nos a pele da sua famosa nona fera.

TAXA MILITAR

Os decretos n.os 2.406 e 2.407 de 24 de Maio de 1916

Encontra-se a pagamento, durante o mês de Setembro, nas tesouraria do 1.º e 2.º bairros fiscais de Lisboa, em S. Vicente, a taxa militar do ano de 1920 e adicionamentos dos três anos anteriores, dos individuos abrangidos pelo decretos n.os 2.406 e 2.407, de 24 de Maio de 1916.

Para o futuro o pagamento efectua-se, impreteriuelmente, no mes de Janeiro.

Pela Enseada Azul

CASCAIS-LISBOA

As cidades, afinal de contas, são verdadeiros mares, com seus fluxos refluxos. Decerto havereis notado como ai por fim da tarde, a multidão sensivelmente rareia nos centros de convergencia populacional, rua do Ouro, Chiado, Rocio.

Lisboa entra positivamente em maré-baixa depois das cinco da tarde; e essa população de torna-viagem diaria, ou se escôa pela linha de Cintra, indo rusticar pela Amadora, Carnide, Damaia, Queluz, ou defluvia pela linha de Cascais, em demanda d'areias frescas e brisas de mar.

E emquanto o comboio vai deixando atraz a doca d'Alcantara e satisfeito sulca a planura ampla da Junqueira, vou eu mentalmente filosofando:

— Fôra de duvida, ha em nós êdes atavicas de regressar á infancia da humanidade, ao conubio com a natureza refrigerante, bebendo a seiva dos troncos e a salinidade dos mares, transhumando de região em região, como na idade da pastoricia e sob o regime dos patriarcas! Assim se explica a ansia do operario pelo domingo, em que vai fazer seus pique-niques sob as ramarias do Campo Grande, pelas quebradas relvosas do Lumiar, ou refastelando-se nos vergeis d'Entre-Rios e Bemfica.

Passa defronte de nós a torre de Belem. Ao lado os arames ferruginosos do gazometro. — Um belo monumento para ali escondido... — comenta-se de lado. — Quando irá aquilo tudo pelos ares como uma explosão? Desgraçado país!

Quasi todos os comentarios bordados em torno á nossa incuria rematam por este sonoro epifonema: desgraçado país! Ninguem assume uma iniciativa, ninguem dá dois passos no interesse da vida ideal dos povos, da vida de beleza, tão util como a vida de economia geral.

Teremos qualquer dia nova gritaria de alarme da Associação dos Arqueologos, com aureos prospectos bordados pelo sr. Alberto de Sousa. Mas uma *démarche* junto dos poderes publicos, uma resolução energica da comissão de monumentos nacionais que salve o monumento manuelino da iminencia da catastrofe, esperá-la-emos debalde.

Sergio de Castro, o ilustre jornalista do velho *Diario Ilustrado*, sorri com tristeza, talvez concordando com os acerbos dizeres dos vizinhos.

Proximo, vão os srs. conde e condessa da Povoa, novos titulares agraciados pelo sr. D. Manuel de Bragança, posto que já lhes sobejasse nobreza, por pertencerem ás casas Faial-Palmela.

Carcavelos. Apeia alegremente o sr. Cunha Lial, que parece dizer na sna catadura de poucos amigos:

—Fui eleito por Angola, *malgré tout*; agora vão ouvi-las boas...

Eu contemplo a paisagem, as estradas orladas de verdura, os *chalets* multicores da encosta, a ridente povoação que é hoje o antigo Carcavelos do afamado vinho.

Essa fama, porém, desceu muito do que foi. No combate do reclame através do mundo, foi medonho e sanguinolento o duelo entre Colares e Carcavelos, e hoje o segundo contendor recuou a plano subalterno, batido pelo *Burjacas*. E' caso de dizermos ao passar aqui, e olhando estes campos onde mal se lobriga uma parra: *Habent sua fata...*

Galga a locomotiva as alturas de Parede, e o sol, em seu declinio, esparze sobre as aguas tamisações do seu oiro eterno, que dão á hora uma cor de saudade e ás almas anseios de infinito.

Lá fica a casa da condessa de Edla, rodeada de jardins e verdura.

—E' um grande exemplo, aquela mulher,—ouve-se dizer. E é, de facto. Esposa dum rei e artista, vivendo durante tantos anos aos pés dum trono, rodeada de aulicos e de artistas, usufruindo por natural situação a maxima opulencia, o conforto, os requintes que só podem advir da cultura do espirito e do coração, eis que de repente o scenario muda, o palacio transforma-se em tumulo, a alegria desnuda-se em luto, a opulencia volve-se mediania, o presente e o futuro só dão e só prometem a perpetuidade do silencio, da sombra, do martirio—emfim. Eis a historia dessa mulher.

Estoris. Algumas *demoiselles* passeiam á beira-mar, em *maillots*, preparando-se para entrar no mar.

Bravo! Eu não propugno a nudeza da Friné antiga, pompeando a carne triunfante aos olhos desonestos do sol, como diz Eschylo.

Mas não posso resistir a soltar um evohé pagão perante a exibição velada das formas feminis, prestes a entregarem-se aos frescores das ondinas.

Crianças em bandos saúdam-nos da praia. Mais adiante, alguns petizes, sobre um muro, dirigem-nos gestos obscenos. São os contrastes da verdade em plena natureza.

Cascais. Ao meu lado, apeiam os srs. dr. Pinto Coelho e Driesel Schroeter.

A.

A CIDADE

QUESTÃO DE FOME OU DE FARTURA

O governo e a ditadura economica

Na opinião do sr. Peres Trancoso a autorização parlamentar sobre cambiais armou o governo com todas as possibilidades de uma larga obra de defesa economica

"Se me deixarem trabalhar á vontade, estou á disposição do meu país" diz-nos o antigo comissario dos abastecimentos

Ante-ontem, quando o dia parlamentar estava em principio e os novos ministros, rodeados por um estado-maior luzido, em que avultavam fardas e distintivos de quantas ordens honorificas a Republica há creado, aguardavam momento propicio para tomar conta daquelas onze cadeiras, que, no paiz vizinho, têm a designação comum, irmanizadora, de *banco azul* — ante-ontem, diziamos, surpreendemos o sr. Peres Trancoso empoleirado naqueles três degraus que ligam o corredor-vestibulo de S. Bento aos Passos Perdidos, na contemplação silenciosamente ironica, de quantos redentores de labita e colarinho de borracha, saltitavam sem rumo nem bussola que o marcasse, na sala encerada em que os ministerios ameaçados de malogro, usam esfregar as solas dos sapatos. Utilizamos o pretexto de uma pregunta ôca, para rompermos conversa. Sim, a situação politica não estava bem definida; o Granjo, apesar de couraçado na sua franqueza rude de provinciano que a capital não absorveu, dificilmente aguentaria a turba-multa minoritaria... Que estava certo — respondeu o entrevistado em esbôço. E logo a conversa resvalou para assunto menos arido, com aprazimento do *reporter*, que, conhecendo o sr. Peres Trancoso, de há anos — através os livros em que descreve num recorte literario, que é a reprodução fotografica do seu recorte espiritual, as terras longiguas, e quem sabe se inexistentes, da China dos mandarins de xarão e dos chinas de rabicho quilometrico, e do Japão povoado de homens minusculos, que gostam de retalhar as visceras estomacais com punhal agudo, quando desgôsto de monta pertuba o curso ordinario da vida — de forma directa em tempos mais proximos renovou tal conhecimento, ao levar em apontamento, quase quotidianamente, para um jornal da manhã, aqueles informes que o então comissario dos Abastecimentos lhe fornecia sobre carvão, açucar e outras coisas prosaicas, embora duma importancia incontestavel. O *reporter*, que, confessamo-lo, até então apenas vira no sr. Peres Trancoso um cronista certamente veridico de quanto vira por terras alheias, habituou-se tambem a considerá-lo um energico e sincero jugulador de ambições exageradas, quiçá criminosas.

A neutralização politica das pastas de que depende a economia nacional

O sr. Trancoso falou-nos dos Abastecimentos, da crise, de politica, que em tempos algo o absorveu e, por ultimo, do problema economico governativo, que conhece de forma a poder dispensar graficos e bonecos de significado estravagante, quando não indefinivel. Uma entrevista? — sugeriu o jornalista, que é uma especie de receptaculo postal em que o publico de categoria (escrevemos a palavra ao mesmo tempo que lembravamos a teoria da relatividade...) tem direito a deitar o seu bilhetinho postal, que, conforme sucede nos correios e telegrafos, numa percentagem insignificante está sujeito a extravios... A idéa foi aceite. E, por isso, no dia seguinte, ontem mesmo, a uma mesa do «Tavares pobre» — um restaurante «pobre» em que só os medianamente endinheirados têm a coragem de entrar... — conseguimos martirizar o sr. Peres Trancoso com o pau de bater bifes das interrogações jornalisticas.

— Então, ainda reconhece a necessidade de uma ditadura economica? — dissemos, recordando uma afirmação de há meses do mais persistente dos ditadores que, em materia alimentar, pelo largo da Palmatoria hão passado.

As feições rudemente energicas, rudemente simpaticas, do sr. Trancoso, contrairam-se numa afirmação. Depois, corroborando a linguagem do *facies*, acrescentou:

— Sem duvida. Desde 1917, ano em que começou a derrocada, que defendo a necessidade de uma ditadura economica. Hoje é mais necessaria do que nunca. Basta que os homens que sobraçam as pastas dos Negocios Estrangeiros, Comércio, Agricultura, Finanças e Colonias concertem entre si as medidas precisas — e que devem obedecer a um criterio, indispensavelmente moderno, de interdependencia e harmonização — aplicando-as depois energicamente, num á vontade de actividade que a situação reclama, para que essa ditadura comece a produzir as suas beneficas consequencias. Já se sabe: uma obra destas implica a neutralização politica dos ministerios que citei. Para que isso seja um facto, há que dar fim a uma instabilidade governamental, quase crónica, rodeando-se as criaturas em exercicio do poder daquelas garantias de fôrça que lhes permitam trabalhar sossegadamente. Os governos-relampagos têm que terminar. O paiz sente-se enervado ante processos politicos que, além de indecorosos, comprometem o seu futuro.

— Mas isso — interrompemos, armando em agente da P. S. E. em busca de «complot» sensacional — é uma nova revolução...

— Engana-se. As revoluções politicas, partidarias, estão desacreditadas por largo tempo. O ano de 1921 foi-lhes fatal... Para que se realize a ditadura economica, basta uma hora de bom senso dentro do partidarismo politico, que lhe permita reconhecer a sua impotencia perante a crise que nos estrangula.

As divisas cambiais não se podem meter dentro das colunas do "Diario do Governo"

Pretendemos dar ás palavras do nosso entrevistado, que, entretanto, fitava com um olhar de desconfiança umas ameijoas á espanhola de colorido berrante mas frescura duvidosa, uma interpretação aplicavel á «étape» politica de agora: — O ministerio do dr. Granjo nada poderá realizar, não é assim?

— O sr. dr. Antonio Granjo — volveu o sr. Peres Trancoso, que, agora menos desconfiadamente, voltou a fitar o problema economico-politico — é um dos raros homens publicos portugueses que, além de outras qualidades, possue a da acção. Trabalha. Isto é já uma esperança. Entretanto, encontrará dificuldades quase invenciveis, levantadas pelo partidarismo estreito. Deixe-me dizer-lhe que, sem embargo, êste ministerio tem, como o transacto teve, poderes ditatoriais em materia economica. O Parlamento deu-lhe ampla autorização para regularizar os cambios. Ora, regularizar o cambio não é legislar sobre cambiais, evidentemente. A Camara assim o entendeu, com certeza, quando patrioticamente concedeu essa autorização. Para regularizar os cambios, é preciso fazer uma verdadeira obra de reconstrução nacional. As divisas cambiais não sobem com decretos que alvejem pessoas, mas com medidas de fomento, com receitas novas, com dinheiro que entre nos cofres publicos e com o desenvolvimento geral das riquezas nacionais.

E o sr. Peres Trancoso, completando o seu pensamento, sublinhou as palavras que seguem: — Foi, certamente, sob este ponto de vista, que o Parlamento concedeu a sua já celebre autorização, pois que doutra maneira se não percebe que fosse dada, e muito menos recebida, desde que era inexequivel...

Depois, restituindo á sua exposição aquela tonalidade morna de todas as conversas, prosseguiu: — Repito, portanto: a autorização dada a êste governo é larga e ampla para uma acção economica energica. Ela deve ir desde os emprestimos externo e interno á actualização dos impostos, á semi-estatização cambial, aos convenios comerciais com estranhos, á produção geral... O cambio depende de todos êstes factores. Largo campo de trabalho constitue para o homem energico e activo que é o actual chefe do governo. E' uma hora a aproveitar...

Porque a paciencia do país pode exgotar-se um dia...

— Muito curiosas, as suas considerações.

— Mas é assim mesmo. Não tenho partido nem paixão, só me inspirando um objectivo nacional; porque estou de fóra, vejo claro.

— Creia que o novo ministerio não está muito forte. Dizem os alviçareiros...

— Se fôr derrubado êste governo, que dentro da legalidade, alguma coisa de largo e desafogado pode fazer, as coisas complicar-se-hão diabolicamente. Com o cambio a 5, com a economia geral do paiz paralizada, um «deficit» tremendo e uma refacção alimentar que vitima a maioria da população, não sei ao que chegariamos. Repugna-me admitir, sequer, a hipotese de mais uma crise. A nação veria tal espectaculo com maus olhos. A paciencia pode esgotar-se e um gesto de irritação do povo seria muito desagradavel aos que o têm conduzido á ruina.

A parte interessante, a parte jornalistica da conversa que entretivemos com o sr. Peres Trancoso termina aqui. Porque, depois, e por longo tempo, o ex-comissario dos Abastecimentos — um oficial da marinha de guerra que conhece os dois hemisferios, o que é pouco vulgar... — falou-nos com entusiasmo, com devoção, com fanatismo quase, de Portugal, do seu passado, das suas incontestaveis possibilidades de ressurgimento. E quando, pela ultima vez, estreitavamos as mãos já nesta rua de S. Roque, áquela hora batida por um sol alegre de verão, onde fizeram ninho as nossas cogitações literario-jornalisticas, ainda o sr. Peres Trancoso nos gritou umas ultimas palavras:

— Diga lá no jornal, não se esqueça, de que estou pronto a servir o meu paiz sem sombra de interêsse, mas desde que á vontade me deixem trabalhar.

L. Consiglieri Sá Pereira

AO ABRIR DA SESSÃO

Nem a moção do deputado Mario de Aguiar nem a proposta do sr. Jorge Capinha devem ser aprovadas

A ordem do dia — As ferias parlamentares — A questão do pão — Os deputados que se encontram na sala á hora regimental

Para ordem do dia de hoje estão marcados os seguintes assuntos:

Contribuição industrial rustica e urbana; proposta relativa á divida publica; subsidios de embarque aos oficiais de marinha, e regime cerealifero.

Assim que haja numero para deliberações, aprovar-se há a acta da sessão de ontem, devendo proceder-se depois á votação da moção do sr. Mario de Aguiar e da proposta do sr. Jorge Capinha. E' quasi certo que nenhum desses documentos será aprovado. O primeiro, para que se organize um governo de concentração, evidentemente que não é. Quanto ao segundo, que estabelece o preço maximo de 50 centavos para o quilo de pão, já o chefe do governo disse que o não aceitava, por inoportuno.

Reagindo contra a corrente desfavoravel a que se concedam mais licenças antes das ferias parlamentares, os deputados que não prescindem de se afastar desde já do Parlamento alegam motivos de saude, juntando, alguns, aos seus pedidos, o competente atestado de doença.

O facto da Camara ter aprovado ontem, com todas as dispensas, o subsidio de 360 contos para a Misericordia do Porto, humorou melhor o deputado sr. Càllen Junior, que, ao que se dizia, ia deixar os trabalhos de S. Bento.

Quando ontem o sr. Antonio Luiz Gomes, no seu discurso cheio de verdades contundentes, lastimava o facto de não haver amor pelo estudo, ouviu-se êste áparte:

— Para quê?! Podê ser-se ministro sem isso!

A's 12 e 30 já se encontram nos Passos Perdidos alguns dos parlamentares liberais, que vão reunir-se a fim de assentarem a orientação a seguir em relação a diversos assuntos pendentes na Camara.

O sr. Plinio Silva está inscripto para novamente tratar da questão do pão.

Deputados presentes á hora regimental: Plinio Silva, Almeida Ribeiro, Antonio Mantas, José Vilhena, Costa Amorim, Manuel Maria Coelho, Custodio de Paiva, Paulo Menano, Mario Ramos, Ribeiro Cardoso, Ferreira Mira, Afonso Maldonado, Antonio Pires e Manuel Frazão.

O "DIARIO DE LISBOA"

Começará a publicar na proxima segunda feira um novo folhetim que é uma obra prima da literatura da Turquia

INTIBAH

ou as "Aventuras de D'Ali Bey" de que é autor KEMAL BEY.

Lêr no "Diario de Lisboa", a partir de segunda feira.

FLECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!
Lapadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

LUDOVICE, LIMITADA
Rua da Madalena 36, 2.º
TEL. C. 3379
Secção fiscal
Contribuições
Serviços fiscais
e Administrativos

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE
Do Prof WILSENGOLD
BRUXELLAS
LITHANE
DEPOSITARIOS
ALVARO CAMPOS, LIMITADA
103 Rua Garrett 1.º

PROVINCIAS

Em Coimbra

Novo juiz

Coimbra, 1

O sr. dr. Alexandre Aragão, recentemente nomeado juiz de direito desta comarca, toma posse no proximo dia 4.

Em viagem

Esteve em Coimbra, tendo regressado já á capital, o sr. dr. José Cardoso, governador civil deste distrito e deputado.

—Está nesta cidade o nosso amigo e camarada na imprensa sr. José Leitão de Barros.

Subscrição para os soldados espanhols

Foi aberta nesta cidade, entre a colonia espanhola, uma subscrição a favor dos soldados combatentes de Melilla, que rendeu 1.126$50.

Passaportes

Durante o mês passado tiraram-se no governo civil 94 passaportes, menos 208 do que em igual mês do ano passado.

Em Vila Flôr

Um incendio

Vila Flôr, 29

Manifestou-se ontem num predío do sr. Eduardo Costa Morais, um incendio, que dentro em pouco foi debelado, graças aos esforços e dedicação de inumeros populares que acorreram ao local.

Apesar da pouca duração do incendio, do qual se ignora a origem, causou bastantes prejuizos no predio, tendo tambem ficado carbonizada uma muar que se encontrava alojada numa das dependencias da casa.

Dois bois, que se encontravam tambem na mesma loja, a custo foram salvos, fugindo espavoridos numa corrida desenfreada, logo que se apanharam em liberdade.

A muar que morreu queimada, pertencia a um individuo dum concelho visinho, que tinha pedido autorização para lá a guardar.

Lutou-se com grande falta de agua, pois nas nascentes publicas não ha e a maioria dos poços das casas particulares encontram-se quasi secos.

Felizmente o fogo foi sufocado logo no principio, doutra forma não haveria agua suficiente para o apagar.

Mais uma vez se fez sentir a falta duma bomba sendo ainda o incendio extinto pelos velhos processos dos cantaros de agua.

Bom seria que a Camara Municipal tratasse de adquirir uma, pois que bem necessaria tem sido.

Na Louzã

Gado suino

Louzã, 1

Tendo-se dado aqui alguns casos de tabardilhe ou mal rubro no gado suino, conveniente seria que os seus proprietarios cuidassem desde já de proceder á soro-vacinação «Leclainche», a fim de evitarem a tempo a propagação da terrivel zoonoze, que, no ano passado, tão pavorosamente agravou a economia do país e por consequencia a carestia da vida.

A sciencia, que aconselha tal processo, considera-o imunisante.

A gatunagem

Chamamos a atenção do posto da guarda republicana para a gatunagem desenfreada, que vem assaltando os pomares e vinhedos, sem respeito algum pela propriedade alheia.

De visita

De visita a seu tio dr. Antonio Alegria, ilustre clinico municipal, está na Louzã a sr.ª D. Maria Aldina Alegria Martins, distinta professora oficial do concelho de Oliveira de Azemeis.

Em Aldegalega

Falecimentos

Aldegalega, 1

Faleceu em Lisboa o sr. Jacinto Simões Quaresma, abastado proprietário, que viveu durante muitos anos nesta vila, onde tinha todos os seus haveres. Era pai do pintor sr. José Simões Quaresma.

O cadaver, encerrado numa rica urna de mogno, veio para esta vila num rebocador, realizando-se o funeral, pelas 22 horas, da estação da Parceria dos Vapores Lisbonenses para o cemiterio desta vila.

—Faleceu, hoje pelas 23 horas, o sr. Antonio Candido da Costa, que era muito estimado nesta vila. Vitimou-o uma meningite tuberculosa.

Posses de funcionarios

Tomaram posse na semana passada os seguintes funcionarios:

Do lugar de juiz de direito, o sr. dr. Augusto Fonseca Pereira Guimarães. Do lugar de delegado, o dr. João Castro Côrte Real, vindo da comarca de Baião.

Do lugar de administrador do concelho, o sr. Luis da Costa Santos, da vizinha vila da Moita.

E do lugar de escrivão do primeiro oficio o sr. Carvalho e Costa, vindo da comarca de Setubal.

Higiene publica

Pedimos á Camara a reparação das sargentas das ruas, que constituem verdadeiros focos de intecção para a saude publica.

Em vez de mercados e outros melhoramentos que se projectam, não seria melhor começar primeiro pela canalização das ruas?

S. I. C.
Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops
Pedir sempre os chocolates
S. I. C

"DIARIO DE LISBOA"
Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

Termas das Caldas de Canavezes
(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)
CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS
As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.
ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO
Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.
Endereço telegrafico -- CALVEZES-MARCO
Escritorios: { Nas termas. / Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

N.º 11 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 2-9-921

OS BELOS DIAS DE OUTUBRO

por LUCIE FAURE FAVRIER

V

O caçador dizia ao gendarme:

—E' uma simples criança! Não deve estar muito longe, admitindo mesmo que tenha tido bastante coragem e força para caminhar algumas horas. Proponho que se bata o terreno num raio de seis quilometros. Que lhe parece, Prutot?

Prutot concordava.

Breve, os passos de Lisa foram notados por este. Não havia duvida. Eram os vestigios da criança e do seu «fox». Seguiram-nos, embrenhando-se no caos de Apremont. O gendarme, á frente, era o mais activo em restabelecer a passagem de Lisa. Em dados pontos, a palmilha das suas botinhas aparecia e desaparecia...

Emfim, quando Domer julgou que a batida se havia demorado bastante, abaixou-se para o seu cão Dominó a quem subrepticiamente deu a cheirar o lenço de Lisa. Largou-o logo, mas incitando-o com a vo

—Busca, busca, Dominó!

E ouvia-se, atravez o bosque, a voz sonora que se repercutia em longos ecos—ó, ó, Dominó, ó, ó...

Decorreu um certo tempo. Domer enrolou um cigarro e fixou a «vitoria» que estacionava na estrada. A sr.ª Catelin parecia a propria imagem do sofrimento.

Repentinamente, ouviu-se do cume de Apremont os uivos entrecortados que precedem os verdadeiros ladridos.

O caçador escutou durante alguns segundos. Não eram os gritos raivosos que acompanham a corrida ás lebres nem o uivo doloroso do cão em luta com o veado ou o javali, mas um longo lamento como jamais ouvira, qualquer coisa de sentimental e doce.

—Hallali!

E gritou ainda á obesa senhora:

—Já apareceu! O cão deu com ela.

Fez resoar tres vezes a sua corneta, começando a escalar as rochas, acompanhado do gendarme e dos outros que acudiram de todos os cerros, com gritos de triunfo.

VI

Alquebrada pelas emoções desta longa noite e pela fadiga do muito andar, Lisa adormecera com todo o seu descuido infantil. Um corpo que se poisou sobre ela, despertou-a.

Dominó, deitado sobre o seu corpinho, como se fôra uma presa, lambia-lhe as mãos. Foi assim que o gendarme, a quem o caçador cedera as honras da descoberta, encontrou a fugitiva. Todavia não pôde aproximar-se para a interrogar, porque Dominó mostrava-lhe os dentes e dardejava-lhe dos olhos ascuas de ferocidade. O proprio Delicado, que fizera uma tentativa servil para aproximar-se, apanhou uma patada. O gendarme houve por bem aguardar, á entrada da gruta a chegada do dono.

Apenas o cão se afastou, Lisa ergueu-se. De pé e tremula, prometeu aos dois homens não se meter noutra, e havia tanta graça na sua palida carinha que o gendarme, enternecido, não levou ao fim a sua reprimenda.

Dando-lhe a mão, desceu o cerro, obedecendo á ordem militar que a mandava subir para a carruagem de sua mãe. Esta debulhou-se em lagrimas, beijando a sua filhinha. Mas Lisa, hirta, com os olhos sêcos, comprimia os labios. O seu rosto só se abrandou em presença do caçador que, inclinado para a sua mãe, recusava com uma cortesia de fidalgo o premio que ela lhe oferecia.

A' força de insistencias, aceitou as duas notas que entregou ao gendarme.

—E' para os pobres, disse ele. Para mim, minha senhora, só lhe peço uma coisa: que prometa a Lisa que a há-de trazer cá na proxima primavera.

—Nunca! clamou a mãe.

—Nunca! repetia, á medida que a carruagem se afastava.

Lisa, com toda a sua vontade, retinha as lagrimas, já porque não tinha lenço, já porque não queria oferecer á gente da terra o espectaculo do seu arrependimento que não sentia. Tambem não desejava que sua mãe a julgasse amansada.

Ah! que linda a aldeia nesta deliciosa manhã! Dir-se-ia um scenario da Opera-Comica. As rosas do outono, os geranios, as glicinias reflorídas desabrochavam nas casas dos pintores. A do Dias revestia-se de vinho-virgem, muito vermelha e, no «atelier» do Millet, caiam as folhas de oiro dum ulmeiro.

Os visinhos á porta de casa participavam a novidade. Encontrou-se a pequena! Mas a senhora Catelin, de rosto sombrio e orgulhoso, olhava em frente, endireitando o corpo e não descia a cumprimentar ninguem.

—Vá mais depressa! dizia imperiosamente para o cocheiro. Apanharemos o correio de Melun. Desta maneira, dizia ela a Lisa, enrolada contra as almofadas da «vitoria», chegas ao colegio ás duas horas. Ainda chegarás a tempo para a entrada.

Lisa calava-se. Lembrava-se da aula sombria onde seria a ultima classificada, e onde M.lle Bonnais lhe não pouparia nenhuma humilhação, Lisa não sabia nada a não ser botanica! Mas ensinam tão pouco de sciencias naturais ás filhas da burguesia! Relegá-la-iam para o canto mais feio, ao pé do armario, longe do fogão e da janela. Não poderia entrever sequer, por um quadradinho de vidro raspado, aracaurias secas da porteira e a gaiola onde o canario se consumia, lentamente. Ela consumir-se-ia como o canario...

Irritada pelo silencio da filha, pela noite de insonia e pelos ditos dos habitantes do logar, a sr.ª Catelin repetia em uma voz tragica, pressentindo que o castigo dum par de açoites seria muito menor que tal sentença:

—Nunca mais voltarás a esta maldita terra enquanto eu fôr viva!

A carruagem chegava nessa ocasião á encosta de Chailly. Mais um pouco e começaria descendo o outro lado da colina e a paisagem queridíssima desapareceria. Lisa recalcou as lagrimas para abranger num olhar enorme a grande planicie do «Angelus», onde os montes de palha punham sinos de oiro.

Como no quadro celebre, a igreja lançava a agulha do campanario pelo ceu azul, e ao longe, a floresta cobria-se de violetas. E tudo era tão luminoso, tão suave, tão acariciador...

E aqueles que na adolescencia conheceram as tristes entradas no colegio depois das alegres vadeações das feiras, a sombria habitação da cidade depois da clara casa das florestas, a fealdade das cidades depois da belesa dos campos, compreenderão porque foi que nessa ocasião Lisa não teve mais forças e os soluços se apoderaram dela.

FIM

NO ESTRANGEIRO

ESPANHA EM MARROCOS

O TIROTEIO ÁS PORTAS DE MELILLA

Um automovel blindado e atacado por dois mil kabilenhos

Os rebeldes empregam granadas de mão — Os espanhois conseguiram castigar duramente o inimigo

MADRID, 2

O alto com. ario de Marrocos comunicou que ha absoluta tranquilidade em todas as zonas.

Telegramas particulares de Melilla dizem que os mouros abriram um fosso na estrada cobrindo-o de ramagem. Quando passava o automovel blindado que faz serviço de reabastecimento todos os dias, caiu nesse fosso, sendo imediatamente atacados por dois mil kabilenhos. Acudiu em auxilio do automovel blindado uma coluna saida rapidamente da praça, que causou aos mouros enormes baixas.

Ontem os mouros atacaram o Zoco Mesquita situado nas proximidades de Melilla, empregando nesse ataque granadas de mão. Pela madrugada acudiu-lhe a coluna Sanjurjo castigando os mouros com duresa. Alguns projecteis inimigos atingiram o Bairro Real de Melilla.—(U. P.)

MADRID, 2

Ante-ontem á noite os nossos pequenos postos sofreram um furioso ataque do inimigo ouvindo-se o tiroteio na praça. A certa altura o fogo redobrou de intensidade sendo seguido de numerosas explosões nas proximidades das posições de Tanguimagni da Kabila de Beni Sicar. A nutrida fusilaria das nossas tropas detinha o furioso ataque inimigo. Os mouros arrojavam cartuchos de dinamite sobre os blokaus. A fusilaria adquiriu tal intensidade que muitos projecteis chegaram ao bairro real de Melilla, tendo muitos moradores posto colchões nas janelas e varandas. O general Sanjurjo percorreu o sector. A guarnição do blokaus portou-se com extraordinaria valentia. De Melilla saiu posteriormente uma coluna que castigou duramente os mouros.—(R.).

A mobilização

MADRID, 2

O ministro da guerra publicou um decreto ordenando que se incorporem nas suas unidades os recrutas da classe de 1926.

O ministro da guerra afirmou novamente que não seriam chamadas reservas.—(U. P.).

General Berenguer

MELILLA, 2

Procedente do Cabo de Agua chegou aqui a canhoneira *Bonifaz* conduzindo o comandante de Chafarinas que conferenciou detidamente com o general Berenguer.—(U. P.).

A subscrição

MADRID, 2

A subscrição aberta pela rainha a favor dos feridos de Melilla ascende já á quantia de 517:237 pesetas.—(U. P.).

NO TURKESTAN

Manifestações anti-inglesas

RIGA, 2

Segundo noticias vindas de Moscow há uma grande efervescencia no Turkestan desde que estalou a rebelião mussulmana na India inglesa. No Afganistan a população não oculta o seu descontentamento contra a Inglaterra. Tem havido manifestações anti-inglesas em Kaboul e noutras cidades.—(R.).

ARMAMENTO E DESARMAMENTO

AS UNIDADES DE GUERRA DA INGLATERRA, DOS ESTADOS UNIDOS E DO JAPÃO

Por quanto tempo conservará a Inglaterra o predominio dos mares?

A rivalidade da questão do armamento é maior que a de 1914 — A conferencia de Washington decidirá este importante problema

Agora que o governo americano convocou as nações a uma conferencia de desarmamento, é interessante conhecer as forças de que podem dispôr as nações, entre as quais se presume que haverá a guerra mais proxima, no caso de ela ser inevitavel: a America, a Inglaterra e o Japão.

E' claro que nestas circunstancias as forças do exercito não têm importancia; se nas guerras em que (como na ultima), se joga a sorte em terra firme, a marinha não deixa de ter uma importancia capital; numa guerra entre potencias, separadas pelo oceano, só a ela pertence decidir a contenda.

Inglaterra

A Inglaterra, desde que começou a tornar-se uma potencia forte, pôs sempre o seu meio principal de dominar—e pode dizer-se unico—na marinha. Conquistou entre as mais nações um logar de primeira ordem, que ainda não perdeu, mas que em breve será igualado, senão ultrapassado pelos Estados Unidos. A Inglaterra não tem hoje nenhum navio de guerra a construir, e a autorização concedida pelo parlamento para a construção de quatro couraçados não será suficiente para lhe dar a primacia sobre os que já possue e tem em construção os Estados-Unidos.

Vejamos o que tem a Inglaterra:

1.º couraçados:

Orion, Monarch, Conqueror, Thunderer (1910-1911), 22.800 toneladas, 21 nós, 10 canhões de 343 e 5.670 kilos de projecteis de bordada.

King George, Centurion (1911) *Ajax* (1912) 25.000 toneladas, 21 nós, 10 canhões de 343, 6.350 kilos de bordada.

Iron Duke, Benbow, Emperor of India, Marlborough (1913), 25.400 toneladas, 21 nós, 10 canhões de 343, bordada de 6.622 kilos.

Canadá (1913), 28.500 toneladas, 23 nós, 10 canhões de 356, 6 713 kilos de bordada.

Erin (1914), 23.400 toneladas, 21 nós, 10 canhões, de 343, 6.083 kilos de bordada.

Queen Elisabeth, Valiant, Worspite, Barham, Malaya (1913-1914), 27.500 toneladas, 25 nós, 8 canhões de 381, 7.442 kilos de bordada.

Royal Sovereign, Royal Oak, Revenge, Ramillies, Resolution (1915), 26.200 toneladas, 23 nós, 8 canhões de 381, 7.487 kilos de bordada.

Ao todo 23 couraçados, com um deslocamento de 589.700 toneladas, e capazes de lançar numa bordada 155.609 kilos de projecteis.

2.º cruzadores de batalha:

Lion, Princess Royal (1912), 26.373 toneladas, 28 nós, 5, 8 canhões de 343, bordada de 4.536 kilos de projecteis.

Tiger (1914), 30.000 toneladas, 30 nós, 8 canhões de 343, bordada de 4.818 kilos.

Renow, Turiores, Courageons (1916), 31 nós, 4 canhões de 881, 5.818 kilos de bordada.

Bood (1917), 41.000 toneladas, 35 nós, 8 canhões de 381, 7.802 kilos de bordada.

Total: 7 cruzadores de batalha, com um deslocamento de 203.04[illegible] toneladas e uma bordada de 79.122 kilos de projecteis.

O poder maritimo da Inglaterra reduz-se portanto a estes numeros: 30 navios de combate, com um deslocamento de 792.976 toneladas, e uma bordada de 194.391 kilos de projecteis.

Estados Unidos

Couraçados	Deslocamento		Bordada	
2 Texas........	24.400	ton.	6.600	quilos
2 Nevada......	28.000	»	6.600	»
2 Pensilvania ..	31.400	»	7.779	»
4 New-Mexico.	32.000	»	7.779	»
2 Tennessee...	32.600	»	7.779	»
1 California....	32.300	»	7.779	»
2 Washington..	32.600	»	7·767	»
6 numeros de 49 a 54.........	43.200	»	4.792	»

Juntando a estes numeros como cruzadores de batalha 4 *Constellation* (35.000 toneladas, 7.912 quilos de bordada) e 2 *Soratoya* (43.500 toneladas e 8.100 quilos de bordada) vê-se que o total da esquadra americana se elevará, logo que estejam prontos os seis couraçados de 49 a 54, em 1923, a 950.500 toneladas com 230.345 quilos de bordada, terá duas unidades a menos, mas mais 157.554 toneladas de deslocamento e 35.414 quilos de bordada, porque os navios americanos são maiores e munidos da canhões mais poderosos. Emquanto os canhões dos navios ingleses são de 343, 356 e 381 milimetros os americanos são de 356, 407 e 457 milimetros e lançam projecteis muito mais pesados.

Actualmente a Inglaterra domina, é certo; mas ela não tem em construção nenhum navio. Dos americanos que mencionámos estão alguns a principiar a construção mas estarão prontos em 1923; não falámos daqueles cujo projecto está pronto e que naturalmente não começarão a ser construidos antes da conferencia do desarmamento.

Japão

O armamento naval do Japão é mais inferior; é preciso porém não esquecermos a marcha ascensional do Japão que em cinco anos o fez passar de 6.ª a 4.ª potencia naval.

Tem cinco couraçados e quatro cruzadores posteriores a 1911. Os couraçados *Koups, Hien, Mamaa, Kirishima* (1918) de 27.700 toneladas e 8 peças de 356 m|m; os couraçados *Fu-So* (1914) e *Yayeyama* (1918) de 31.500 toneladas 12 peças de 356 m|m.

Nos estaleiros encontram-se quatro couraçados, e quatro cruzadores de batalha.

Couraçados: *Nogato, Muhu, Tosa, Haga*, que deslocarão de 32.000 a 40.000 toneladas, terão a velocidades de 23 nós, e 8 canhões de 406 m|m. Cruzadores: *Amagi, Akapi, Atago, Ataka* que deslocarão 40.000 toneladas e terão canhões de 406 m|m.

Vê-se pois que a luta da Inglaterra, da America e do Japão rivalizando em armar-se cada dia mais, é mais, é maior ainda que a da Inglaterra e da Alemanha que provocou a guerra de 1914.

Os Estados-Unidos compreenderam e a conferencia do desarmamento tem por fim evitar em quanto é tempo que estas maquinas de guerra venham a encontrar-se, numa luta mais funesta ainda do que aquela de que o mundo ainda sofre e sofrerá longas consequencias.

A guerra grego-turco

ATHENAS, 2

Depois de sete dias de desesperado combate o exercito grego repeliu os turcos e atravessou o rio Sacaria.—(R.).

Clemenceau

AJACCIO, 2

O sr. Clemenceau continua na Corsega onde veiu fazer uma excursão, estando de perfeita saude.—(R.).

FALAM AS ESTATISTICAS

A PRODUÇÃO DE TRIGO NA ITALIA

Em 1921: 40.200:500 quintais
Em 1920: 38.266:000 quintais

A superficie cultivada este ano foi de 4.770:000 hectares e a do ano passado foi de 4.570:000

ROMA, 2

A produção do trigo na Italia, no corrente ano eleva-se a quarenta milhões e duzentos mil e quinhentos quintais contra 38.266.000 em 1920.

A superficie cultivada em trigo foi de 4.770.000 hectares e a do ano anterior 4.570.000. O rendimento por hectare foi de oito quintais na anterior colheita e de dez na acual. Tambem se registou um aumento notavel na produção dos outros cereais.

Nas provincias recentemente anexadas, cujo solo montanhoso se não presta a uma cultura intensiva de cereais, calcula-se que a produção será de uns 250.000 quintais, a que se acrescentará a cifra de produção anteriormente indicada,

EM BILBAU

Declaração da greve geral

Um conflito entre os grevistas e a guarda civil

BILBAU, 2.—Para protestar contra o procedimento do governador com os presos por delitos sociais, declarou-se a greve geral, não se publicando jornais. Houve um choque entre grevistas e a guarda civil, ficando um opererio morto e muitos feridos.—(U. P.)

A revolta na India

As tropas inglesas foram atacadas em em Malapuran momentos depois da sua chegada a esta cidade

CALICUT, 2

As tropas inglesas continuam a defender-se contra os rebeldes em varios pontos do Malabar. As tropas partidas desta cidade para Malapuran chegaram ali e foram quasi imediatamente atacadas pelos rebeldes. As forças inglesas apesar do seu pequeno numero, têm sob o comando do sr. Austus feito uma brilhante defesa.—(U. P.).

A situação parece melhorar

CALCUTÁ, 2

Continuam a chegar reforços de cavalaria e de infantaria á região do Malabar. Diz-se que a situação geral melhorou e que os fanaticos Moplahs teriam cessado numa certa medida os seus morticinios e as suas pilhagens.—(U. P.).

O que diz a Imprensa indiana

LONDRES, 2

Dizem da India que se está procedendo a obras nas linhas ferreas para Calicut. O distrito do Malabar não está ainda completamente dominado pelas tropas da Corôa. A imprensa indiana diz que a rebelião dos Moplahs é não só anti-governamental mas tambem contra todos os não mahometanos.

Houve rixas em Madras dominadas rapidamente pelo fogo da policia.—(R.).

O NOVO GOVERNO

Os oficiais da policia cumprimentam os ministros do interior e da guerra

A oficialidade do corpo de policia civica de Lisboa cumprimentou hoje os srs. ministro do interior e da guerra.

Os funcionarios do ministerio do interior cumprimentam o seu novo ministro

Os funcionarios do ministerio do interior cumprimentaram, hoje, o chefe do governo, fazendo as apresentações o director geral, sr. dr. Carneiro de Moura.

Ministerio da instrução

Os funcionarios que vão substituir os que estão de licença

Partiu hoje de Barcelos, no gozo de licença, o sr. Marques de Aguiar, chefe da 1.ª repartição da direcção geral de ensino primario e normal, cargo em que fica substituido pelo sr. Horta e Costa. As funções de director geral interino de ensino secundario, que estavam sendo exercidas pelo sr. Marques de Azevedo, passaram para o sr. Kemp Simões, director geral interino de ensino superior.

Direcção geral de ensino primario

O senador sr. Silva Barreto reassumiu as funcções de chefe da 2.ª repartição da direcção geral de ensino primario e normal, ficando tambem exercendo, interinamente, as de director geral.

Lêr no «Diario de Lisboa», a partir de segunda feira, INTIBAH, ou as «Aventuras de D'Ali Bey».

Poeira do mundo

A policia de Berlim proibiu a celebração do Dia de Sédan nesta cidade devido a receios de propaganda monarquica e de perturbações da ordem.

Os desempregados ingleses pedem que lhes seja dado um subsidio de cinco libras por semana, quando a familia tiver seis creanças.

O governo da Romenia aceitou a oferta do governo alemão tendo resolvido receber locomotivas, por conta das reparações.

Embarcaram em Dover dois batalhões de fusileiros ingleses com destino á Alta Silesia.

Em Farnborough as autoridades militares aereas fizeram ensaios com um novo avião militar gigantesco. Este aparelho cujo peso total será de dez toneladas tem quatro motores representando novecentas.

MALAS POSTAIS

Pelo «Limburgia» e pelo «Wolfran»

Pelo «Limburgia» são ámanhã expedidas malas postais para Las Palmas, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Aires, e pelo «Wolfran», para a Madeira, Las Palmas, Bissau e Bolama e para a Africa Oriental, via Madeira. A ultima tiragem da correspondencia da caixa geral é ás 8 horas, para o primeiro, e ás 14, para o segundo, fechando os registos para este ao meio dia.

Lêr no «Diario de Lisboa», a partir de segunda feira, INTIBAH, ou as «Aventuras de D'Ali Bey».

O movimento malogrado

Os presos politicos recusaram fotografar-se e a deixar tirar as impressões digitais

Os presos politicos srs. tenente dentista Augusto José Vilhena, José Bernardo Junior, agente da policia de emigração; Adriano Petronila, José Candido da Gloria, cabo sinaleiro da armada; Alvaro André, enfermeiro dos T. M. E.; Jacinto Marques, electricista; Antonio Lopes Almeida, Acacio Augusto Saraiva, João Lopes Pereira, Adalberto Soto, Alvaro Fialho, Joaquim da Silva Vaz, José Tolentino Bastos e Alfredo Figueiredo Carvalho, que se encontram reclusos nos quartos particulares do governo civil, como supostos implicados no movimento malogrado de 30 de agosto ultimo, e que foram capturados no Parque Eduardo VII, recusaram-se esta tarde a fotografar-se no posto antropometrico e a deixar tirar as impressões digitais, dizendo que não eram gatunos nem assassinos.

O caso foi participado superiormente.

A TARDE PARLAMENTAR

O GOVERNO FEZ HOJE A SUA APRESENTAÇÃO NO SENADO

Discute-se largamente, na Camara dos Deputados, a proposta de reintegração de um oficial do exercito

O deputado sr. Plinio Silva renovou a iniciativa do projecto dos srs. João Camoesas e Custodio de Paiva, regulando os processos instaurados contra reus ausentes.

* * *

Uma vez liquidado o debate politico, com a votação dos documentos que durante ele foram enviados para a mesa, o novo ministerio irá apresentar-se ao Senado, cuja reunião está marcada para as 15 horas.

* * *

Antes de se entrar na ordem do dia de hoje, deve eleger-se um vogal substituto para o Conselho Fiscal da Caixa Geral dos Depositos.

A policia civica de Lisboa fez distribuir pelos legisladores das duas Camaras uma representação solicitando urgente melhoria de vencimentos.

* * *

O sr. Ribeiro de Carvalho pregunta ao sr. presidente se esta Camara tem ou não poderes constituintes. O sr. Jorge Nunes responde que tem acompanhado o assunto com atenção, havendo opiniões a favor e opiniões contra. No entanto, é de parecer que a Camara é que deve tomar, neste caso, a iniciativa.

* * *

Discute-se uma proposta do sr. Antonio Mantas, que concede uma gratificação aos funcionarios do Congresso, por motivo do aumento de horas de trabalho. Foi aprovada.

* * *

A's 14 horas já se encontra na bancada governamental o sr. ministro das Colonias. A's 14 e 15 entra na sala o chefe do governo.

* * *

A's 14 e 30 o sr. presidente dá explicações sobre uma proposta que veiu do Senado, reintegrando o tenente coronel sr. Van Zeller, falando sobre a proposta o sr. Almeida Ribeiro, que requere para se proceder de harmonia com as disposições da lei travão. A Camara fuma e conversa, sem prestar atenção ás palavras do orador.

Uma voz: — Então o Parlamento é sala de conversa! Que diabo!

* * *

O sr. Torres Garcia ocupa-se largamente das reintegrações que se fizeram no exército de oficiais que já estavam reformados por incapacidade fisica. Ouvem-se alguns apoiados da direita e do centro. O orador protesta contra a reintegração de oficiais que, por interêsse proprio, se afastaram do exército e agora querem voltar, para viver á sombra do orçamento. E' suspensa a discussão para se entrar na ordem do dia.

* * *

A's 14 e 45 é lida na mesa a moção apresentada na sessão de ontem durante o debate politico pelo deputado sr. Mario de Aguiar. O unico deputado que se levanta, para aprovar a moção, é o sr. Carvalho da Silva.

* * *

O projecto referente ao regime cerealifero, apresentado na sessão de ontem pelo sr. Jorge Capinha, foi mandado baixar á comissão de agricultura, por motivo de a Camara ter rejeitado a urgencia e dispensa de regimento. O sr. Plinio Silva é de opinião que êsse projecto merece uma votação da Camara.

* * *

A reunião dos parlamentares do partido liberal, marcada para hoje, não se chegou a realizar. Parece que se tratava de uma indicação para os srs. deputados comparecerem á hora regimental na sala das sessões, a fim de se evitar o encerramento da sessão por falta de numero.

* * *

Sobre varios assuntos interpelaram o sr. ministro das Colonias os srs. Paiva Gomes e Almeida Ribeiro. O sr. Almeida Ribeiro é um deputado que está constantemente no uso da palavra, o que impede de muitas vezes os jornalistas de fazerem uma reportagem completa sobre as suas orações parlamentares.

A's 15 e 20 fala o sr. ministro das Colonias sobre a orientação que ao poder executivo compete dar á administração colonial, orientação que não pode acarretar aumento de despesa ou distribuição de benesses, seja a quem fôr.

* * *

Foi eleito para o cargo de vogal substituto do Conselho Fiscal da Caixa Geral de Depositos o deputado sr. Julio Cruz.

* * *

A's 15 e 25 o governo apresentou-se no Senado, vendo-se nas galerias uma escassa meia duzia de pessoas. O sr presidente do ministerio leu a declaração ministerial, á que se seguiu o discurso de apoio ao governo do sr. Celestino de Almeida — em nome do partido liberal. A Camara está o mais recolhida possivel. O sr. dr. Julio Dantas diz algumas palavras ao ouvido do sr. Augusto de Castro. O sr. Celestino de Almeida continua a referir-se, em palavras elogiosas, ao governo do sr. Antonio Granjo, tocando alguns pontos da declaração ministerial.

* * *

A's 15 e 45 o sr. Catanho de Meneses, em nome da minoria democratica, apresenta as suas saudações ao governo, que pode contar com o apoio da esquerda no que diz respeito á manutenção da ordem publica. «Foi dolorosa—diz o sr. Catanho de Meneses—a maneira como se despediu o sr. Barros Queiroz, que foi tratado tão carinhosamente por este lado da Camara».

* * *

O sr. Catanho de Meneses aprecia a queda do gabinete Barros Queiroz, fazendo referencia á nota oficiosa publicada nos jornais. O chefe do governo interrompe para precisar algumas afirmações do seu discurso de ontem, na outra Camara. O sr. Catanho de Meneses volta a falar, o chefe do governo volta a interromper. Diz o sr. Catanho de Meneses que as questões absolutamente pessoais não podiam levar o ministerio a demitir-se, porque o paiz nada tem que ver com as questões pessoais e estas não se podem sobrepôr ás ideias; e, se assim fosse, o ministerio Barros Queiroz tinha desertado. «Lançou-se um pouco de veneno—afirma o orador—sobre as intenções da autorização parlamentar que eu trouxe a esta casa do Parlamento. Afirmou-se erradamente que era uma casca de laranja atirada ao governo. E' mentira! Só depois de muito meditar sobre essa autorização é que eu a trouxe ao Parlamento, com a melhor boa fé, com a melhor das intenções.

* * *

Parece-me que não há memoria—diz o «leader» democratico—de se apresentar ao Parlamento uma declaração ministerial tão laconica, tão pequena na sua extensão, tão precaria nas suas ideias. Trata-se de uma simples enunciação de assuntos—que nem sequer tem o mérito de ser um programa de governo como era o do sr. Barros Queiroz.

* * *

A's 16 e 15, continua ainda a falar o sr. Catanho de Meneses. Devem seguir-se-lhe os srs. dr. Julio Dantas, pelos reconstituintes, conego Dias de Andrade, pelos catolicos, e Vicente Ramos, pelos independentes.

TRASLADAÇÃO

Realiza-se ámanhã, pelas 15 horas e meia, do cemiterio dos Prazeres para a estação do Rocio, de onde seguirá para Elvas, a trasladação do cadaver da sr.ª D. Maria Rosa de Sant'Ana e Silva, filha do coronel de artilharia sr. João Luiz Crisostomo da Silva e da sr.ª D. Maria Carlota Ferreira da Silva e irmã dos srs. José Jacome de Sousa e Silva e do capitão de engenharia e deputado Plinio da Silva.

Professores das escolas moveis

Os professores da escolas moveis avistaram-se esta tarde com o sr. ministro da instrução, a quem entregaram uma representação sobre a reorganização das mesmas escolas.

Bolsa de Lisboa

Dia 2

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	47$00	49$00
s|Londres cheque	6 1|4	6 1|8
» 90 d. v.	6 3|8	—
Rio s|Londres	7 7|8	—
s| Paris	807	823
s| Italia	460	470
s| Belgica	780	895
s| Suissa	1757	1795
s| Espanha	1345	1368
s| Berlim	120	125
s| Holanda	3270	3340
s| Nova York	10200	10500
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	—
» » » Portugal	7 1|2	—
Agio do ouro	860	900

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	60,20
» s|Londres	28,65
» s|New-York	7,65
» s|Berlim	8,90
Paris s|Londres	47,58
» s|Madrid	166,25
» s|Genebra	217,75
» s|Berlim	14,87
Londres s|Paris	47,57
» s|Roma	83,25
» s|New-York	3,475
» s|Berlim	320
» Amsterdam	11,72
» s|Genebra	21,82
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	44.90
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	44.90
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0|0 1905	—
4 0|0 1888	—
4 0|0 1890 coup.	—
4 1|2 1888|89 ass.	—
4 1|2 1889 coup.	—
4 0|0 1909 coup.	67.50
5 |2 1912 ouro	—
5 0|0 1917	—
3 0|0 externas 1.ª série	174.50
3 0|0 » 2.ª »	160.
3 0|0 » 3.ª »	174.
Acções	
Banco Colonial Português port.	—
Banco Colonial Português cop.	142.70
» Comercial de Lisboa	271.
» Economia Portuguesa	92.
» Nacional Ultramarino (ass.)	216.
» » » (coup.)	238.
» Lisboa & Açores	287.
» Portugal	—
» Minho	249.
» Português e Brasileiro	126.10
C. G. de Credito P. Português	35.
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	133.
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	—
Portugal e Colonial	111.50
Cabinda	8.30
Buzi	47.80
Ilha do Principe	207.50
Moçambique	—
Zambezia	—
Companhia do Boror	78.
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1	154.50
Benguela, titulo 5	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 °|o, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 °|o, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	—

Imposto do selo

Foram elevadas ao dobro as actuais taxas do imposto do selo, com exclusão do selo da assistencia publica e das especialidades farmaceuticas e taxas fixadas por percentagens.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.